



O CONCEITO DE PECADO EM KIERKEGAARD: UM ESTUDO A PARTIR DAS OBRAS *O CONCEITO DE ANGÚSTIA* E *O DESESPERO HUMANO*¹

Bruno Bernardi Hintz² e Claus Schwambach³

RESUMO

O presente ensaio é um estudo do significado de pecado dentro da obra de Kierkegaard, partindo de duas de suas publicações. Inicialmente, para nos localizarmos dentro do assunto, passaremos por aspectos gerais da filosofia e da vida de Kierkegaard. Em seguida será tratado o conceito de pecado na obra *O Conceito de Angústia*, e depois na obra *O Desespero Humano*, buscando compreender o pecado dentro do quadro geral de cada escrito, na sua ligação com as facetas da subjetividade humana abordadas pelo filósofo. Por fim, é feita uma síntese do pensamento de Kierkegaard a respeito do pecado e pensada a relação entre angústia e desespero dentro da relação destas com o pecado.

Palavras-chave: Pecado. Angústia. Desespero. Filosofia. Teologia.

ABSTRACT

This essay is a study of the meaning of sin inside the Kierkegaard's work, starting from two

¹ Artigo recebido em 17 de março de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de junho de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Bruno Bernardi Hintz é estudante do curso de Bacharelado em Teologia na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, com sede em São Bento do Sul, SC. E-mail: bruno.hintz@flt.edu.br.

³ Claus Schwambach (Dr.) é professor de Teologia Sistemática na FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editor-Chefe de *Vox Scripturae*. E-mail: claus.schwambach@diretoria.ftl.edu.br.

of his publications. Initially, to locate us in the subject, we will go through general aspects of the philosophy and life of Kierkegaard. Following it will treat the concept of sin in the work "The Concept of Anxiety", and after in the work "The Sickness Unto Death" seeking to understand the sin inside of the general frame of each writing, in its connection with the facts of the human subjectivity discussed by the philosopher. Ultimately, it will make a synthesis of the Kierkegaard's thinking about the sin and it will think the relation between anguish and desperate inside the relation of them with the sin.

Keywords: Sin. Anguish. Desperate. Philosophy. Theology.

1 INTRODUÇÃO

É natural que o ser humano evite assuntos negativos e queira afastar de si o sofrimento. Pecado não é um assunto que atraia interesse, sendo que até mesmo dentro das igrejas esse tema desagrada aos ouvintes e perde espaço. Instalou-se uma cultura que crê que o homem não deve sofrer, e é indigno, é inferior se sofre. A repulsa por sentimentos negativos leva o homem a ignorá-los, porém desse modo, o indivíduo perde a habilidade de lidar com dificuldades internas, consigo mesmo. É sempre necessário que sejamos alertados dessas questões. Kierkegaard por vezes é mal compreendido como um autor demasiado depressivo e pessimista, por tratar justamente de assuntos como pecado, angústia e desespero. No entanto, ele é notável por tomar esses temas, um tanto desagradáveis, e demonstrar sua presença inevitável e sua importância na construção da vida do ser humano, e por mostrar que a ignorância não é a maneira certa de lidar com eles.

Optou-se, então, por aprofundar-se em Kierkegaard, esse pensador que não está interessado em abstrações da realidade, em especulações metafísicas, mas se ocupa com o homem, com a vida em si, com qual é a maneira mais autêntica de existir. Kierkegaard é interessante por unir em sua reflexão Teologia e Filosofia e trazê-las para a esfera da realidade, para a concreta existência pessoal do indivíduo no mundo. Kierkegaard é um pensador que tem a consciência de que o homem é um ser de natureza espiritual e está diante de Deus. Mais do que teólogo e filósofo, Kierkegaard também é poeta, e não um apenas, mas é capaz de se desdobrar em vários, que ganham forma através de seus pseudônimos. Imediatamente após sua morte, a sua obra não teve grande repercussão, porém por volta de 1940, Kierkegaard foi tanto pela filosofia quanto pela teologia, influenciando personalidades como Heidegger, Sartre, Kafka e Barth.

2 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE KIERKEGAARD

Sören Aabye Kierkegaard foi um dinamarquês nascido em Copenhague, no dia 5 de maio de 1813, sétimo e último filho de Michael Pedersen Kierkegaard com Anne Srensdatter, sua segunda esposa. Esse pensador, considerado tanto filósofo quanto teólogo, é tratado por muitos historiadores como o fundador da filosofia existencialista⁴, embora, segundo Gonzalez, “seus interesses e posturas diferissem muito dos de boa parte dos existencialistas modernos”⁵. Nessa direção, Allen e Springsted⁶ afirmam ser incorreto tratar Kierkegaard como existencialista; ele é uma grande fonte para o existencialismo, mas estava preocupado com o que é ser um cristão, enquanto o existencialismo se ocupava com o que é ser um ser humano. Gonzalez confirma essa informação, dizendo que “a existência que importa a Kierkegaard é a existência cristã”⁷.

Kierkegaard foi filho de uma família abastada. Desde o início de sua vida, passou por uma educação rigorosa e fria. O pai impôs aos filhos uma devoção pietista marcada por forte repressão, o que perturbou Kierkegaard horrivelmente. Ele cresceu sob a angústia do sentimento de pecado, chegando a afirmar posteriormente que não teve infância.

Em 1830, Kierkegaard ingressou no curso de Teologia na Universidade de Copenhague, com a pretensão de seguir o ministério pastoral⁸. Na Universidade ele teve contato com o sistema filosófico de Hegel, “cuja influência estendia-se a todos os setores intelectuais e até mesmo à teologia protestante”⁹. De início, Kierkegaard sentiu-se extremamente atraído pela dialética hegeliana, no entanto, impressionado com a maneira que esse sistema universalista apagava a existência individual, tornou-se um opositor de Hegel e de todo o sistema racionalista de pensamento.

⁴ KIERKEGAARD, Sören. **Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; O Desespero Humano (Doença até a Morte)**. São Paulo: Abril, 1979, p. 10.

⁵ GONZALEZ, Justo L. **A era dos novos horizontes: uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 9, p. 103.

⁶ ALLEN, Diogenes; SPRINGSTED, Eric. **Filosofia para entender teologia**. 3. ed. Santo André: Academia Cristã, 2010, p. 284.

⁷ GONZALEZ, 1988, p. 103.

⁸ BENDER, Germanio. **A angústia como condição da existência humana: um estudo da obra “O conceito de angústia” de Sören Kierkegaard**. Ijuí: Unijuí, 1999, p. 15.

⁹ KIERKEGAARD, 1979, p. 11.

No ano de 1838, ocorre o falecimento do pai de Kierkegaard, fato que causa forte impacto no jovem dinamarquês, que, em crise, entrega-se a uma vida desregrada de prazeres fúteis. Passada a crise, Kierkegaard retoma os estudos e se forma em 1840, mesmo ano em que fica noivo de Regina Olsen, e logo em seguida torna-se pastor. Pouco tempo depois, Kierkegaard rompe seu noivado repentinamente. O pensador dinamarquês passava a tomar consciência do que acreditava ser sua vocação. Percebia que não lhe cabia o papel convencional de pastor, e que não tinha perfil para compartilhar sua vida com outra pessoa. Diante de sua missão como filósofo, “todos os outros interesses precisavam ceder”¹⁰.

Nos anos que seguiram o término do noivado, Kierkegaard teve intensa produção intelectual, publicando suas obras sob diversos pseudônimos. Ele seguiu seu desejo de levar uma vida solitária dedicada inteiramente à reflexão. O filósofo via essa solidão como algo proveitoso, que permitia a ele ocupar-se com seu próprio eu, fixar-se na reflexão a respeito de si mesmo¹¹. Apesar da vida isolada, Kierkegaard foi o grande crítico da sociedade e do cristianismo de sua época. Descontente com a fê institucionalizada do luteranismo dinamarquês, ele pretendeu resgatar o risco, a aventura na presença de Deus. Em Kierkegaard, “a filosofia resumia-se em tomar consciência das exigências absolutas feitas a qualquer pessoa que queira viver uma existência verdadeiramente autêntica”¹², e essa existência autêntica era o ser cristão, assumir existencialmente o paradoxo inconciliável que é o cristianismo. Kierkegaard morreu em 11 de Novembro de 1855, aos 42 anos, devido a problemas de saúde.

A filosofia de Kierkegaard é autêntica e singular, assim como sua existência foi singular, pois ela reflete a pessoa do filósofo, brota do seu próprio existir pessoal, de sua própria luta de consciência. Sua filosofia é “ele mesmo voluntária e sistematicamente, a tal ponto que o ‘existir como indivíduo’ e a consciência desse existir chegaram, a ser, para ele, condição absoluta da filosofia e até sua única razão de ser”¹³. Para Kierkegaard, vida e pensamento não se separam, pois a razão de modo nenhum está desligada da experiência pessoal; ele próprio era seu objeto de reflexão – interrogava e analisava a si próprio. É nítido em sua produção que os acontecimentos que marcaram sua existência influenciaram

¹⁰ GONZALEZ, 1988, p. 101.

¹¹ KIERKEGAARD, 1979, p. 13.

¹² KIERKEGAARD, 1979, p. 13.

¹³ KIERKEGAARD, 1979, p. 10.

significativamente seu pensamento. A filosofia kierkegaardiana é claramente subjetiva, e o filósofo nunca pretendeu que fosse de outra forma.

3 PECADO A PARTIR DE *O CONCEITO DE ANGÚSTIA*

O livro *O Conceito de Angústia*¹⁴ foi publicado em 1844 sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, e trata do problema do pecado hereditário¹⁵, de como ele adentrou o mundo, e qual a sua relação com a angústia humana. A obra está estruturada em cinco capítulos, antecedidos por uma longa introdução, na qual Kierkegaard localiza em qual área do conhecimento está situado o desenvolvimento da obra. O autor adverte do perigo de tratar o pecado fora de seu lugar próprio, pois sua atmosfera¹⁶ fica adulterada, mas também afirma que “a rigor, o pecado não tem seu lugar em nenhuma ciência”¹⁷. Sintetizando e concluindo sua discussão, o filósofo afirma: “O presente escrito estabeleceu como sua tarefa tratar o conceito ‘angústia’ de um ponto de vista psicológico, de modo a ter *in mente* e diante dos olhos o dogma do pecado hereditário”¹⁸, ou seja, ele trata o assunto no campo da Psicologia, recorrendo à Dogmática, pois é esta que sempre pressupõe o pecado hereditário. Na análise que se segue, os assuntos são abordados por blocos temáticos e não respeitam necessariamente a divisão de capítulos.

3.1 O pecado de Adão

Para explicar como o pecado entrou no mundo, Kierkegaard recorre à narrativa de Gênesis sobre a queda, desenvolvendo o raciocínio a partir de Adão, o primeiro homem. Fazendo uma breve retrospectiva de como o tema do pecado hereditário foi tratado ao longo da história, o autor constata que “a tarefa

¹⁴ KIERKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2013.

¹⁵ “A rigor, a expressão usada sempre por SK é ‘pecado hereditário’, que nós costumamos chamar pecado original [N.T.]”. Cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 21.

¹⁶ Cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 16-26.

¹⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 18.

¹⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 16.

de explicar o pecado hereditário foi identificada com a de explicar o pecado de Adão”¹⁹, e muitas vezes os dois eram tidos como a mesma coisa. O problema aqui é como se relaciona o pecado de Adão com o pecado dos outros homens. A respeito disso, Kierkegaard diz:

Explicar o pecado de Adão é, portanto, explicar o pecado hereditário, e de nada adianta uma explicação que queira explicar Adão, mas não o pecado hereditário, ou queira explicar o pecado hereditário mas não Adão. A razão mais profunda de tal impossibilidade está naquilo que é o essencial da existência humana; que o homem é *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele e todo o gênero humano, de maneira eu a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano²⁰.

Dessa forma, não podemos desvincular Adão do gênero humano, o que, conforme Kierkegaard, foi feito ao longo da história. Se o pecado de Adão condiciona a pecaminosidade como consequência, o próximo pecado pressupõe a pecaminosidade como condição²¹. Dessa forma Adão é tirado da história, pois ele se torna diferente dos demais homens – Adão não tem o pecado como pressuposto, mas o indivíduo posterior o tem. O autor afirma que “o indivíduo é ele mesmo e o gênero humano”²², e por isso Adão, o primeiro homem, não pode diferir do gênero humano, pois seria uma contradição dizer que a história humana começa em alguém que não foi indivíduo, que é diferente dos homens.

É nesse ponto que o pecado de Adão se relaciona com a humanidade. Bender, analisando a mesma obra, diz que “a passagem do pecado de Adão a todos os homens dá-se pela identificação destes com aquele”²³. O pecado de Adão não diz respeito somente a ele, porque, nas palavras de Kierkegaard, “nenhum indivíduo é indiferente à história do gênero humano, e nem esta é indiferente à história do indivíduo. [...] Por isso, aquilo que explica Adão explica o gênero humano, e vice-versa”²⁴.

¹⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 27.

²⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 30.

²¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 32.

²² KIERKEGAARD, 2013, p. 31. Esse pensamento é constantemente retomado por Kierkegaard, o que demonstra a sua centralidade dentro da obra estudada. Cf. p. 30, 50, 104.

²³ BENDER, 1999, p. 50.

²⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 31.

No posfácio da edição usada de *O Conceito de Angústia*, Valls afirma que para Kierkegaard, “‘o primeiro’ é o que dá a qualidade”²⁵, é a coisa em si. Se nos basearmos nessa interpretação, podemos dizer que o primeiro homem é a humanidade em si, e o primeiro pecado, é o pecado em si, então, já não há mais o pecado de Adão, mas sim a pecaminosidade da humanidade.

3.2 O primeiro pecado e a queda

A narrativa de Gênesis se baseia na proposição de que “o pecado entrou no mundo por meio de um pecado”²⁶. Aqui, porém, surge um problema, pois Kierkegaard demonstra que, ao considerar a natureza do pecado como hereditariedade, o pecado pressupõe a si mesmo. A solução proposta por ele é que “o pecado entra [no mundo] portanto, com o súbito, isto é, pelo salto”²⁷. A nova qualidade, o pecado, é posta no mundo nesse salto, chamado pelo autor de “salto qualitativo”²⁸, que é o que comumente é chamado de queda. O primeiro pecado deve ser então, diferente de um pecado qualquer, ele tem de ser, retomando Valls, a qualidade em si, o pecado como o que o define²⁹.

Para nosso autor, “a história da vida individual progride num movimento que vai de estado a estado. Cada estado é posto com um salto”³⁰, então o salto qualitativo inaugura um novo estado da vida humana. Através do salto qualitativo irrompe a culpa³¹, e esta põe fim ao estado de inocência em que se encontrava o homem antes da queda. Kierkegaard define o estado de inocência da seguinte maneira: “Inocência é ignorância. Não é, absolutamente, o ser puro do imediato, mas é ignorância”³². Isso é entendido através do relato de Gênesis: antes da queda o homem estava na ignorância, pois não possuía o conhecimento do bem e do mal.

²⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 172.

²⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 34.

²⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 34.

²⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 51.

²⁹ Em *O conceito de angústia*, Kierkegaard não intenciona definir o que é o pecado, apenas trabalha a sua relação com o ser humano e a angústia, tendo o conceito como pressuposto.

³⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 118.

³¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 44.

³² KIERKEGAARD, 2013, p. 40.

3.3 A angústia

O conceito de angústia de Kierkegaard deixa-se desdobrar nos seguintes aspectos:

3.3.1 A angústia anterior à queda

Característica importante que Kierkegaard apresenta no estado de inocência é que nele o ser humano não está determinado como espírito, mas ainda assim o espírito está presente, ele está “sonhando no homem”³³. Precisamos, contudo, saber que para o filósofo dinamarquês, “o homem é uma síntese de psíquico e corpóreo. Porém uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito”³⁴. Na inocência a síntese que compõe o homem ainda não estava efetivada, e o homem se relacionava com seu espírito como angústia. Entendemos essa questão através das palavras de Kierkegaard:

Neste estado [de inocência] há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. (grifo nosso)³⁵

A angústia não é defeito ou imperfeição, pois já está presente no homem antes dele pecar. Kierkegaard diz que as crianças também possuem angústia, mas não como um fardo, e sim como sentimento que lhes leva a buscar o aventuroso, o enigmático. Na inocência, “angústia é uma qualificação do espírito que sonha”³⁶, e é justamente a presença do espírito que causa a angústia, e esta aumenta na medida que cresce a consciência do espírito. O ser humano é espírito, portanto não pode fugir da angústia, o que faz dela “condição da existência humana”³⁷.

³³ KIERKEGAARD, 2013, p. 45.

³⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 47.

³⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 45.

³⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 45.

³⁷ BENDER, 1999, p. 57.

3.3.2 A angústia em relação com a queda

A explicação psicológica da queda quer afirmar que foi a proibição de comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal que incitou o homem a pecar, que o homem sentiu atração pelo proibido. Kierkegaard contra isso argumenta que Adão não pode ter entendido as palavras de proibição ditas por Deus, pois se encontrava no estado de inocência. Se a proibição desperta o desejo, não há ignorância, mas certo saber. Dessa forma, Adão também não pode ter entendido o que significava a sentença de morte, o “certamente morrerás”, em caso de desobediência. As palavras proferidas por Deus só puderam ser entendidas quando a culpa pôs fim à inocência.

O efeito da proibição não é induzir o pecado, mas fazer nascer a angústia. “A proibição angustia porque desperta nele [Adão] a possibilidade de liberdade”³⁸. O homem se vê diante da angustiante possibilidade de ser-capaz-de. Ele não tem a ideia do que, ao certo, ele é capaz, mas vê a possibilidade do possível. Kierkegaard afirma que “a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”³⁹, ela é, então, o sentimento que faz o homem estremecer frente ao possível, à possibilidade de descoberta.

Aos olhos de Kierkegaard, é um problema dizer que o homem foi tentado pela serpente, ou seja, que a tentação vem de fora. Adão, por estar na inocência, não poderia entender também as palavras da serpente. O autor recorre à Epístola de Tiago⁴⁰ para afirmar que cada homem é tentado por si mesmo, e também diz que a serpente não teria o direito de se intrometer no relacionamento entre homem e Deus. Kierkegaard propõe então que Adão conversou consigo mesmo, que o mau desejo veio do homem, e este, angustiado frente à possibilidade, porém de maneira não necessária, pecou, numa decisão despida de critérios. O autor afirma que tentar explicar a entrada do pecado no mundo não é possível, é na verdade estupidez, pois o pecado não é lógico, não é necessário. Se o homem fosse obrigado a pecar, não haveria o salto qualitativo. Através dessa reflexão, é perceptível que para Kierkegaard a angústia é o meio de explicar a origem do pecado, pois é ela que precede o estado de pecado, e dessa maneira o homem é o próprio culpado pela queda.

³⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 48.

³⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 45.

⁴⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 51.

3.3.3 A angústia na progressão do pecado

Kierkegaard apresenta a angústia também como consequência do pecado⁴¹: “O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo, por sua vez, a angústia”⁴². Ele distingue, então, entre duas formas de angústia: a angústia que põe o pecado e a que sobrevém ao pecado. A primeira é a que ele chamou angústia subjetiva. Esta é parte da natureza do homem, e já está presente antes do pecado. Sobre ela Kierkegaard diz: “Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos debruçam a mirar uma profundeza escancarada, sente tontura. [...] Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese”⁴³.

A outra angústia é a angústia objetiva, que é decorrente do pecado, é sua consequência. A angústia objetiva afeta toda a criação, coloca-a toda em um estado de imperfeição, embora não tenha sido produzida pela criação. Kierkegaard confirma essa forma de angústia através do texto de Romanos 8.19, que fala da “ardente expectativa da criação”⁴⁴, que aguarda a redenção. O autor, contudo, não explica de qual forma o pecado afeta a criação, quais são os seus efeitos sobre ela.

Como mais uma consequência do pecado, Kierkegaard fala do efeito da relação de geração. Ele diz que “o indivíduo que vem depois é essencialmente tão primordial como o primeiro”⁴⁵, pelo salto qualitativo, Adão e qualquer homem posterior a ele são iguais⁴⁶, são a síntese sustentada pelo espírito, que define o gênero humano. Porém existe um aumento a cada geração, que difere os indivíduos posteriores de Adão, sem que eles se tornem essencialmente diferentes de Adão, do

⁴¹ Kierkegaard aborda detalhadamente em O Conceito de Angústia manifestações da angústia no indivíduo posterior a Adão, que infelizmente, não poderão ser trabalhadas aqui, devido às delimitações desta pesquisa. Essas formas são: a) a angústia da falta de espírito (p. 99-101); b) a angústia no sentido de destino, característica do paganismo (p. 102-108); c) a angústia no sentido da culpa, típica do judaísmo, que está diante da Lei (p. 108-115); d) a angústia diante do mal, em que o indivíduo está no bem e angustia-se do mal (p. 119-124); e e) a angústia diante do bem, definida pelo autor como “o demoníaco”, e nesta o indivíduo está no mal (p. 124-160). KIERKEGAARD, 2013.

⁴² KIERKEGAARD, 2013, p. 58.

⁴³ KIERKEGAARD, 2013, p. 66.

⁴⁴ BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

⁴⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 69.

⁴⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 118.

qual nenhum indivíduo escapa⁴⁷. Esse algo mais é a angústia crescente, refletida, intensificada – essa é a relação de geração. Essa progressão já se evidencia com Eva, que embora não fosse gerada, já foi derivada do ser humano existente, Adão⁴⁸.

3.4 A relação entre pecado e sexualidade

Kierkegaard, ao longo do texto, argumenta a fim de comprovar que a sexualidade entrou no mundo através do salto qualitativo. A sexualidade não está presente na ignorância⁴⁹, então, ela entra no mundo com o pecado. “O sexual, enquanto tal, não é pecaminoso”⁵⁰, diz Kierkegaard, “a pecaminosidade não é então a sensualidade, de jeito nenhum; mas, sem o pecado, não há sexualidade e, sem sexualidade, nenhuma história”⁵¹. Desta forma entende-se que com a pecaminosidade foi posta a sexualidade, então através do pecado começa a história do gênero humano. Kierkegaard, porém, afirma que “com o pecado, a sensualidade tornou-se pecaminosidade”⁵², então, embora ela não fosse, também foi afetada pelo pecado, tornando-se, para o autor, expressão da pecaminosidade no homem.

O homem só alcança o sexual quando o espírito se torna real, como evidencia Kierkegaard: “Não fosse este [o ser humano] uma síntese de alma e corpo, que é sustentada pelo espírito, jamais o sexual poderia ter entrado com a pecaminosidade”⁵³. Quando a síntese está posta, o espírito vê o corpo com a diferença genérica - “a diferença de gênero está posta na inocência, porém não está posta enquanto tal. Só a partir do momento em que é posto o pecado, também a diferença de gênero será posta como instinto”⁵⁴. É com a percepção da diferença entre homem e mulher, então, que inicia a sexualidade. Podemos comprovar esse pensamento de Kierkegaard através da narrativa de Gênesis: só depois do pecado o primeiro casal se dá conta da sua nudez e se preocupa em cobri-la, em esconder

⁴⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 69.

⁴⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 67-68.

⁴⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 52.

⁵⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 73.

⁵¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 52.

⁵² KIERKEGAARD, 2013, p. 68.

⁵³ KIERKEGAARD, 2013, p. 52.

⁵⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 86.

o que os distingue sexualmente, porque antes da queda, eles não percebiam essa distinção de gênero⁵⁵.

3.5 A antropologia na obra *O Conceito de Angústia*

É central no pensamento de Kierkegaard a estrutura humana por ele definida: “O homem é uma síntese de alma e corpo, que é constituída e sustentada pelo espírito”⁵⁶. Como visto antes, é a partir dessa noção que o filósofo explica a angústia e a sexualidade. Tendo isso em mente, fica clara a importância de ler Kierkegaard tendo em vista seus pressupostos antropológicos.

Kierkegaard, prosseguindo seu raciocínio, aprofunda essa síntese: “O homem era, portanto, uma síntese de alma e corpo, mas também é uma síntese de temporal e eterno”⁵⁷. A primeira síntese era composta de três momentos, corpo, alma, e espírito, o vinculante entre os dois anteriores. Porém nessa segunda síntese, falta o vinculante para efetivá-la. Diante desse impasse, o filósofo busca a compreensão do que é o temporal.

O autor define o eterno como o presente sem passado nem futuro, como uma progressão que não sai do lugar. O temporal, por sua vez, é a ausência de presente, é a sucessão infinita em que só existe passado e futuro. Desses dois nasce o instante. Este é apresentado por Kierkegaard como “aquela ambiguidade em que o tempo e a eternidade se tocam mutuamente, e com isso está posto o conceito de temporalidade, em que o tempo incessantemente corta a eternidade e a eternidade constantemente impregna o tempo”⁵⁸. É o instante o terceiro momento, aquele que efetiva a síntese entre temporal e eterno, pois é nele que estes dois se tocam. A síntese que compõe o homem só ocorre quando o espírito põe a primeira síntese junto com a segunda⁵⁹. Também é o instante o espaço de tempo em que o indivíduo existe e atua.

⁵⁵ Dentro dessa discussão, Kierkegaard demonstra que a mulher é mais sensual que o homem, e, por conseguinte, a angústia está mais presente nela. Não cabe ao presente trabalho adentrar a essa discussão. Caso o leitor tenha interesse, cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 67-79.

⁵⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 87. Kierkegaard várias vezes retoma essa síntese e a partir dela constrói sua argumentação. Cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 47, 52, 66.

⁵⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 90.

⁵⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 94.

⁵⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 87-98.

3.6 O pecado no indivíduo posterior a Adão

Kierkegaard frisa ao longo da obra aqui analisada que o ser humano é ao mesmo tempo ele mesmo e o gênero humano. Desse modo, o que explica Adão explica também todo o gênero humano, qualquer indivíduo posterior a ele. “Portanto, como Adão perdeu a inocência pela culpa, assim a perde todo e qualquer homem”⁶⁰. O autor afirma que “pelo salto qualitativo o pecado entrou no mundo, e é sempre assim que ele entra”⁶¹, pois o pecado continua a entrar no mundo através de cada ser humano, “o pecado constantemente irrompe pelo salto qualitativo do indivíduo”⁶².

A grande tônica de Kierkegaard quanto ao pecado hereditário é que o homem não é pecador por causa de Adão, mas ele é pecador como Adão, por causa de si mesmo. Cada indivíduo é o próprio culpado pelo seu estado de pecado e não pode lançar essa responsabilidade sobre Adão, querendo livrar-se da culpa. A inocência só se perde pelo salto qualitativo do indivíduo⁶³, e o pecado, como transcendência, adentra o indivíduo enquanto pessoal, individual. Por isso, Kierkegaard diz que “de que modo entrou o pecado no mundo, qualquer homem entende única e exclusivamente a partir de si mesmo”⁶⁴.

O homem peca, tendo o pecado como pressuposto, porém o pecado só pressupõe a si mesmo a partir do momento que é posto, no súbito, no salto qualitativo⁶⁵. Desse modo não é somente Adão que passa pela queda, mas todo homem posterior. Kierkegaard quer demonstrar que “com o primeiro pecado, entrou o pecado no mundo. Exatamente do mesmo modo vale isso a respeito do primeiro pecado de qualquer homem posterior, que com este o pecado entra no mundo”⁶⁶. Assim, ele quer dizer que todo homem cai, salta para o estado de pecador por si mesmo, e o pecado diz respeito a ele mesmo como indivíduo. Sobre a angústia no indivíduo, o autor ainda diz que a “angústia que o pecado

⁶⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 38.

⁶¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 117.

⁶² KIERKEGAARD, 2013, p. 50.

⁶³ KIERKEGAARD, 2013, p. 40.

⁶⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 55.

⁶⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 67.

⁶⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 33-34.

traz consigo só ocorre propriamente quando o indivíduo mesmo põe o pecado”⁶⁷. O indivíduo, que por ser espírito é angustiado, também se angustia agora pelo seu próprio pecado, e volta a pecar.

3.7 A angústia como meio de salvação

O ser humano, como síntese sustentada pelo espírito, tem a angústia como condição de vida. Porém Kierkegaard apresenta, no último capítulo de seu livro, qual a postura correta a assumir perante a angústia:

Essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustiar-se, para que não venham a perder, nem por jamais terem estado angustiadíssimos nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado.⁶⁸

Disso, o autor ainda escreve que “aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude. A possibilidade é, por conseguinte, a mais pesada de todas as categorias”⁶⁹. Para ele, a possibilidade é mais difícil de encarar do que a realidade, porque na “possibilidade tudo é igualmente possível”⁷⁰, e com ela nos angustiamos pois vemos o horrível como algo possível. Depois de angustiar-se corretamente, o homem tem uma nova explicação para a realidade. E a angústia correta é justamente essa que coloca o indivíduo diante da possibilidade e o leva a aprender. Essa angústia correta liberta o homem de se preocupar com as coisas finitas, e desse modo forma o indivíduo para a liberdade.

Concluindo o assunto, Kierkegaard afirma: “Para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absolutamente e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé”⁷¹. Por fé, ele entende o conceito de Hegel, de que fé é a certeza interior que antecipa a infinitude. Como bem compreendeu Bender, para Kierkegaard “a fé não se fundamenta em algo externo, mas é uma certeza interior, o que confirma a importância da interioridade

⁶⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 58.

⁶⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 161.

⁶⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 162.

⁷⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 162.

⁷¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 163.

e da subjetividade na existência”⁷². Num momento anterior, Kierkegaard já havia mencionado que a fé é a “coragem de crer que o próprio estado é um novo pecado, a coragem de renunciar sem angústia à angústia, o que só a fé consegue, sem que, contudo, com isso elimine a angústia [...]. Disto só a fé é capaz, pois só na fé a síntese é possível, eternamente e a cada momento”⁷³. Para o filósofo dinamarquês, a angústia conduz à fé, e essas duas, juntas, salvam o homem da finitude, libertam-no para a liberdade e o ensinam a repousar na Providência⁷⁴. O caminho certo a trilhar, então, é ser formado pela possibilidade, ser, como disse Kierkegaard, um autodidata, o que significa ser um “teodidata”⁷⁵.

4 PECADO A PARTIR DE *O DESESPERO HUMANO*

Kierkegaard inicia a segunda parte do livro *O Desespero Humano* com a seguinte sentença: “Pecamos quando, frente a Deus ou da ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos, ser nós mesmos”⁷⁶. Com ela o autor sintetiza o conceito de pecado apresentado nessa obra e liga as duas partes do escrito. Essa obra foi publicada em 1849 como autoria do pseudônimo Anti-Climacus, ao qual também é atribuído o livro *Prática do Cristianismo*, publicado no ano seguinte.

O livro aqui tratado está estruturado em dois grandes blocos, e, paralelamente, em cinco livros, estes, subdivididos em capítulos. O primeiro grande bloco, *Doença mortal é o desespero*, faz uma análise antropológica do desespero, busca conceituá-lo, analisa as formas em que ele é visto e discorre a respeito de sua progressão. Na segunda parte, *Desespero e pecado*, é tratada, a partir do desespero, a relação do ser humano com Deus, definindo o pecado. O raciocínio que o autor segue por vezes se parece fragmentado, intercalado e inconcluso, cabendo ao leitor construir as pontes entre as ideias.

Como precursor do existencialismo, Kierkegaard pergunta pelo que é a existência autêntica, ou seja, o que é, de fato e plenamente, existir. Esse ser

⁷² BENDER, 1999, p. 77.

⁷³ KIERKEGAARD, 2013, p. 123.

⁷⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 168.

⁷⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 169.

⁷⁶ KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 73.

existente é, para ele, o eu. “O homem é espírito. Todavia, que é espírito? É o ‘eu’. [...] O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese”⁷⁷. Essa estrutura humana serve de base para todo o pensamento do autor no decorrer do livro, e é constantemente retomada⁷⁸. Ela é dialética, pois concilia opostos, todavia, todo o pensamento exposto se constrói sobre a dialética, e como o autor evidencia, “não se pode dar definição direta – não dialética – de nenhuma forma de desespero”⁷⁹. Kierkegaard inicia definindo o desespero, segue então para as formas em que ele se manifesta, e por fim, através do desespero, define o pecado.

4.1 A doença mortal

Kierkegaard afirma que o desespero é a verdadeira doença mortal. Geralmente entende-se por doença mortal uma enfermidade cujo fim é a morte, mas para nosso autor “essa doença, a própria morte, não é mortal!”⁸⁰. Nenhum mal físico, nem a morte nem os sofrimentos temporais, “nada é doença mortal aos olhos do cristão”⁸¹, pois para este, a morte implica em mais esperança que a vida, por Cristo existir, ele que é a Ressurreição e a Vida⁸². Kierkegaard afirma, a partir disso, que foi o cristianismo quem descobriu uma miséria que é a verdadeira doença mortal⁸³: o desespero – a pior das misérias e a perdição⁸⁴; a mortal enfermidade do eu.

⁷⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 19.

⁷⁸ Cf., por ex., KIERKEGAARD, 2004, p. 33, 34, 45. Essa estrutura, como síntese do temporal e eterno, já foi apresentada pelo autor na obra anteriormente analisada (cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 90). Em *O Desespero Humano*, Kierkegaard não retoma a síntese entre corpo e alma sustentada pelo espírito, apresentada em *O Conceito de Angústia* (cf. KIERKEGAARD, 2013, p.47), mas a encara como pressuposto e trata diretamente da síntese entre temporal e eterno, gerada pela anterior, que também se sustenta pelo espírito, pois no momento em que esse está posto, existe o instante, que liga o temporal ao eterno (cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 94).

⁷⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 34.

⁸⁰ KIERKEGAARD, 2004, p. 15.

⁸¹ KIERKEGAARD, 2004, p. 16.

⁸² Kierkegaard usa o texto bíblico de João 11.1-44 para comprovar que a morte não é a doença mortal. Cf. KIERKEGAARD, 2004, p. 15-16.

⁸³ KIERKEGAARD, 2004, p. 16.

⁸⁴ KIERKEGAARD, 2004, p. 21.

Essa doença mortal, o desespero, não é uma doença da qual se morre. Para o filósofo dinamarquês, ela é mortal pela tortura de não poder morrer, “porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte”⁸⁵. O desespero é a impossibilidade de morrer, a desesperança na vida. Ele é também uma relação orientada sobre si mesmo, o que faz com que cada momento de desespero seja real, cada momento do desespero contenha desespero, faz do passado possível um presente constante⁸⁶.

4.1.1 A manifestação do desespero

Kierkegaard procura descrever várias formas de desespero e apresentar os motivos que levam a cada forma. Toda forma de desespero é pensada em função da síntese que compõe o ser humano. Quando o homem vive apenas em parte o eu, ele não tem real existência. O homem pode se desesperar do temporal, ou das coisas temporais, por viver somente nesse âmbito, e ter carência do infinito. De outra forma, através da imaginação, agente de infinitização, a existência pode ser absorvida pelo imaginário, o que também acarreta na perda do eu. Em nenhum momento Kierkegaard dedica longos trechos para especificar o que é o desespero em si, deixando claro seu conceito. Antes, prefere descrever suas manifestações⁸⁷.

Contudo, ao longo da obra Kierkegaard nos permite entender o que é este temido desespero: “é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual”⁸⁸. O desespero, a enfermidade do eu, é o nada espiritual⁸⁹, ele “está em perder a eternidade”⁹⁰. Entende-se, portanto, que o desespero é um eu incompleto, um eu que não tem sua existência em ato. O autor evidencia que a existência é desperdiçada quando as alegrias e tristezas da vida iludem o homem e ele não atinge um ganho decisivo para a eternidade, não atinge a consciência de

⁸⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 23.

⁸⁶ KIERKEGAARD, 2004, p. 22.

⁸⁷ Devido às delimitações da pesquisa, não será possível descrever aqui cada maneira em que o desespero se manifesta. Contudo, todas essas formas de desespero no fim constituem uma única: o homem desespera de si mesmo. Caso o leitor tenha interesse em aprofundar-se nas formas de desespero que Kierkegaard trabalha, cf. KIERKEGAARD, 2004, p.34-70.

⁸⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 29.

⁸⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 58.

⁹⁰ KIERKEGAARD, 2004, p. 52.

ser um espírito e nem consegue constatar a presença de um Deus⁹¹. O existir de fato consiste em assumir o eu:

Tornar-se si mesmo é tornar-se concreto, coisa irrealizável no finito ou infinito, visto o concreto em questão ser uma síntese. [...] o eu *Katá dynamin* (em potência) não tem existência real [...]. Enquanto não consegue tornar-se ele mesmo, o eu não é ele mesmo. E não ser ele mesmo constitui o desespero. (grifo nosso)⁹²

O homem, em Kierkegaard, só existe, de fato, vivendo o seu espírito, o que só se dá em contato com Deus – de outro modo, o indivíduo é um desesperado.

Segundo Kierkegaard, o homem sempre se desespera de si mesmo. O desespero pode até iniciar por uma causa externa, mas esse nunca é o real motivo. “Desesperar de si mesmo, querer, desesperado, libertar-se de si mesmo”⁹³ – essa é a fórmula de todo desespero. Nesse desespero, o homem quer ser ele mesmo, o que é uma contradição, pois ele projeta e quer ser um eu ideal, que não é ele mesmo.

4.1.2 A universalidade e a progressão do desespero

Kierkegaard destaca o caráter universal do desespero. Para ele “não há um só que esteja isento de desespero”⁹⁴. O homem traz o desespero como uma doença latente, e não se torna um desesperado porque acredita que seja nem deixa de sê-lo por acreditar não ser. Não ter consciência de ser desesperado é, inclusive, uma forma de desespero, e ignorar o desespero o torna ainda maior. O desesperado que se ignora está ainda mais afastado da salvação e da verdade, à medida que aquele indivíduo que tem consciência de ser desesperado está mais perto de ser curado dessa doença⁹⁵.

Quanto mais se tem a consciência do desespero, mais se sente a sua intensidade⁹⁶. Essa, a consciência, conforme Kierkegaard, é a medida do eu⁹⁷. Dessa forma, entende-se que na medida em que o desespero progride, também

⁹¹ KIERKEGAARD, 2004, p. 31.

⁹² KIERKEGAARD, 2004, p. 34.

⁹³ KIERKEGAARD, 2004, p. 25.

⁹⁴ KIERKEGAARD, 2004, p. 27.

⁹⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 45.

⁹⁶ KIERKEGAARD, 2004, p. 49.

⁹⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 33.

progride a consciência, e desse modo, cresce o eu; ou seja, quando cresce a consciência do desespero, cresce concomitantemente a consciência de possuir um eu. Aqui se faz interessante retomar palavras do prefácio: “ele [o desespero] é a doença e não o remédio. É essa sua dialética. Assim como na terminologia cristã, a morte exprime miséria espiritual, se bem que o remédio seja exatamente morrer, morrer para o mundo”⁹⁸. Embora o autor não mencione isso, dá-se a entender que o remédio para o desespero, que é a falta do eu, é desesperar-se, e assim, tomar consciência do eu.

O retrato que Kierkegaard pinta do desespero é que esse não é um sentimento, não são momentos isolados ou situações em que o homem julga a si mesmo desesperar-se. Desespero é um estado de existência, em que aquele que mais está afundado é o que menos sente sua intensidade. O autor quer demonstrar que o desespero é pior que a própria morte, pois ele é a morte vivida, é o desesperar da miséria espiritual. É esse desespero do eu que diante de Deus constitui o pecado, pois este “é condensação do desespero”⁹⁹.

4.2 O pecado, definido através do desespero

Para Kierkegaard, a ideia do pecado é bem central no cristianismo, tendo em vista que “o conceito que estabelece uma radical diferença entre o cristianismo e o paganismo, é o pecado, a doutrina do pecado”¹⁰⁰. É também essa doutrina que, para o autor, estabelece a situação do homem em relação a Deus, e também dela virá a doutrina da redenção. O autor deixa claro que pecado não são certas faltas isoladas. O conceito apresentado no livro procura englobar todas as formas imagináveis e reais de pecado. Ele ainda diz que nenhum conceito de pecado é demasiado espiritual, por ser o pecado exatamente uma categoria espiritual¹⁰¹.

Conforme nosso filósofo, “o terrível do pecado consiste em estar frente a Deus”¹⁰² –tudo depende do estar perante Deus. Sem o “frente a Deus”, o pecado não existe. Aqui Kierkegaard fala do mesmo eu da primeira parte do livro, porém aqui ele está em face de Deus, se torna “eu teológico”. Enquanto na primeira

⁹⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 14.

⁹⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 73.

¹⁰⁰ KIERKEGAARD, 2004, p. 83.

¹⁰¹ KIERKEGAARD, 2004, p. 77.

¹⁰² KIERKEGAARD, 2004, p. 75.

parte do livro o homem era sua própria medida, aqui Deus é medida do homem. Ele acrescenta que “apenas a consciência de estar frente a Deus faz do nosso eu concreto, individual, um eu infinito. É esse eu infinito que então peca frente a Deus”¹⁰³.

O homem natural e o pagão¹⁰⁴ não conhecem o pecado. De acordo com a obra aqui estudada, o homem não pode dizer o que é pecado porque vive nele, porque todos os seus discursos sobre pecado serão uma desculpa para si mesmo. “É por isso que o cristianismo começa por outro modo, pondo a necessidade duma revelação de Deus, que instrua o homem sobre o pecado, [...] sobre a profundidade de suas raízes”¹⁰⁵. O homem precisa saber o que é ao certo o pecado para perceber que está nele, e isso só se dá através de uma revelação que ponha essa ideia diante do ser humano¹⁰⁶.

O que Kierkegaard quer comprovar com esse raciocínio é que o pecado só pode ser assim chamado a partir do estar em face de Deus e da Revelação. Por isso ele também diz que “a vida da maioria dos homens está [...] tão afastada do bem – a fé –, que é quase demasiado a-espíritual para se poder chamar pecado, quase demasiado mesmo para se chamar desespero”¹⁰⁷. O autor aqui mostra que o cristianismo necessita da consciência do pecado, o que não ocorre numa existencial a-espíritual, desligada da fé. Isso não significa que aquele que não foi instruído sobre o pecado não seja pecador, pois ele é um desesperado, ainda mais se não possui essa consciência. Porém é somente diante de Deus e sua revelação que o desespero se torna conscientemente pecado.

4.2.1 A progressão do pecado

É interessante que, segundo Kierkegaard, o pecado possui um caráter cumulativo, de continuidade, que se dá em cima do próprio pecado; ele aumenta a cada instante em que se permanece nele. “É um pecado a mais o estado contínuo do pecado. [...] A falta de arrependimento após cada pecado é um novo pecado,

¹⁰³ KIERKEGAARD, 2004, p. 76.

¹⁰⁴ Os termos homem natural e pagão são constantemente empregados em oposição ao cristão. A grande diferença é que só o cristão conhece o elemento “frente a Deus”. Cf. KIERKEGAARD, 2004, p. 21, 46, 76, 80, 82-83, etc.

¹⁰⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 88-89.

¹⁰⁶ KIERKEGAARD, 2004, p. 83.

¹⁰⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 93.

e até cada um dos instantes em que esse pecado permanece sem arrependimento é um novo pecado¹⁰⁸. Dessa forma, pecado não é cada falha em particular; cada pecado específico apenas manifesta a continuidade do pecado. Segundo o autor, “estacionar no pecado é pior do que cada pecado isolado, é o pecado por excelência”¹⁰⁹. Assim, enquanto esse círculo cumulativo não for interceptado, o homem permanecerá constantemente no pecado, caminhando para a perdição.

4.2.1.1 O pecado de desesperar do pecado

Kierkegaard afirma que o homem também peca quando se desespera do seu próprio pecado: “O pecado é desespero. O que eleva sua intensidade é o novo pecado de desesperar do próprio pecado”¹¹⁰. Desesperar do próprio pecado significa que este se fechou em sua própria sequência, sua continuidade, tornando-se inacessível ao bem. Nesse estado, o homem renega o arrependimento e o perdão, e cai mais fundo no pecado. “Isso é o desespero do pecado. É um progresso, um crescimento do demoníaco que, evidentemente, nos mergulha, nos afunda no pecado”¹¹¹.

4.2.1.2 O pecado de desesperar da remissão dos pecados

Desesperar diante da remissão dos pecados, para Kierkegaard, constitui em mais um pecado em cima do pecado. Isso ocorre quando ele não quer ser ele mesmo, assumir seu eu pecador, ou, do contrário, quer ser ele mesmo, quer ser pecador, contudo sem admitir o perdão¹¹². Isso porque a remissão de pecados é escândalo. Para a razão humana é inconcebível que um homem, Cristo, queira remir os pecados, e também é motivo de escândalo que o pecado possa ser remido¹¹³.

É essa possibilidade de perdão dos pecados que faz com que o homem difira eternamente de Deus. Sobre isso Kierkegaard diz:

O que melhor distingue o homem de Deus é o fato do primeiro ser um

¹⁰⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 97.

¹⁰⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 98.

¹¹⁰ KIERKEGAARD, 2004, p. 101.

¹¹¹ KIERKEGAARD, 2004, p. 102.

¹¹² KIERKEGAARD, 2004, p. 105.

¹¹³ KIERKEGAARD, 2004, p. 107.

pecador, coisa que qualquer homem é, e de o ser ‘perante Deus’. [...] Um abismo aberto separa de Deus a natureza deste pecador que é o homem. E o mesmo abismo, naturalmente, separa em compensação Deus do homem, quando Deus faz a remissão dos pecados.¹¹⁴

Porém, aqui reside a dialética de que, ao mesmo tempo em que Deus está abissalmente distante de nós, ele está profundamente próximo, através do dogma da encarnação. Dele Kierkegaard menciona que “jamais uma doutrina humana aproximou tanto, como o cristianismo, Deus e o homem. Nenhuma, aliás, o teria podido. Pessoalmente Deus é o único a podê-lo”¹¹⁵. Nisso também reside o escândalo do cristianismo: o homem, como indivíduo, pode falar e relacionar-se a todo momento com esse Deus distante porque justamente por ele é que Deus veio ao mundo e sofreu¹¹⁶. “Para ele [Deus], encarnado no seu filho, só existem indivíduos – pecadores”¹¹⁷.

4.2.1.3 O caráter individual do pecado

Nisso que foi exposto logo acima reside outro aspecto do pecado que Kierkegaard enfatiza: sua individualidade. “Não é o pecado geral que é sério, mas o acento recaindo sobre o pecador, sobre o indivíduo”¹¹⁸. Se o cristianismo parte do dogma do pecado, dessa forma parte, então, do indivíduo. A doutrina do pecado é individual, o pecado diz respeito a cada um, e assim dispersa a multidão. O pecado é o que existe no homem sozinho frente a Deus, “porque a ideia de julgamento não corresponde senão ao indivíduo, porque não se julgam massas”¹¹⁹. Nesse ponto Kierkegaard critica os sistemas filosóficos universalistas, inclusive critica abertamente o hegelianismo¹²⁰, pois estes apagam o indivíduo, e vendo o homem apenas através do conjunto humano, não se pode falar de pecado, o que é essencial para que se possa falar de ser humano, conforme *O Desespero Humano*.

¹¹⁴ KIERKEGAARD, 2004, p. 111.

¹¹⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 108.

¹¹⁶ KIERKEGAARD, 2004, p. 79.

¹¹⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 110.

¹¹⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 109.

¹¹⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 112.

¹²⁰ KIERKEGAARD. 2004. n. 110.

4.2.1.4 O pecado de abandonar o cristianismo

Kierkegaard, por fim, caracteriza um último pecado, o pecado de negar, de abandonar positivamente o cristianismo: “Esse é o pecado contra o Espírito Santo”¹²¹. Esse pecado é o pecado que ataca, ele passa para uma posição ofensiva. Ele acontece quando o homem esbarra no paradoxo e considera o cristianismo como fábula ou mentira, e assim, nega Cristo, abandona voluntariamente a fé cristã. Ele é o escândalo diante do dogma da encarnação.

Pois é esta diferença infinita de natureza entre Deus e o homem, esse é o escândalo cuja possibilidade nada pode afastar. Deus faz-se homem por amor e diz-nos: ‘Vede o que é ser homem’. Todavia acrescenta: ‘tomai cuidado, porque ao mesmo tempo sou eu Deus... e bem-aventurados os que não se escandalizam de mim.’¹²²

Esse tipo de escândalo não é a ignorância quanto ao cristianismo, na verdade, ele existe pela impossibilidade de ignorar. Esse pecado Kierkegaard apresenta como a negação da encarnação: toma-se Cristo só como mais um indivíduo, ou não se permite que este seja homem, por ser Deus. Negar esse paradoxo implica a negação do cristianismo, dos pecados e sua remissão, por isso o autor chega a dizer que “este escândalo é o pecado, elevado à sua suprema potência”¹²³.

4.3 A fé como o que salva do desespero e do pecado

Enquanto o homem natural e o pagão consideram a virtude como o oposto do pecado, para o cristão, o oposto do pecado é a fé. Kierkegaard constrói essa afirmação baseando-se no texto de Romanos 14.23b.: “tudo o que não provém de fé é pecado”¹²⁴. Para nosso autor, essa é uma das definições capitais do cristianismo. Assim como o contrário do pecado é a fé, o “contrário de desesperar é crer”¹²⁵. A fé é o estado em que o desespero e o pecado são eliminados, se tornam

¹²¹ KIERKEGAARD, 2004, p. 113.

¹²² KIERKEGAARD, 2004, p. 116.

¹²³ KIERKEGAARD, 2004, p. 119.

¹²⁴ BÍBLIA de Estudo Almeida, 2006.

¹²⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 49.

ausentes no eu – só a fé salva de qualquer pecado¹²⁶ e faz com que o desespero esteja ausente no eu¹²⁷. Kierkegaard, nesta obra, apresenta a seguinte fórmula da fé: “sendo nós mesmos e querendo sê-lo, mergulhar em Deus por intermédio de sua própria transparência”¹²⁸. A fé, portanto, é uma maneira de existir, que é assumir o eu diante de Deus e em relacionamento com ele, através do que ele mesmo nos revela.

Embora o autor não deixe totalmente clara a ligação entre as duas partes do livro, esta pode ser compreendida. Kierkegaard define, em sua obra, o pecado como desespero na máxima potência, e este, o desespero, é caracterizado como a morte espiritual. Logo, o pecado, na verdade, é essa condição do homem de viver a morte, viver como morto para Deus, não assumir o seu eu – e esse estado só pode ser percebido quando se está diante de Deus. É só no relacionamento com esse Deus, no mergulhar nele, que se assume e se vive completamente o eu, e isso é a fé; o oposto ao pecado, o oposto à morte espiritual – fé é a vida; vida que só existe com Deus, este que redime as faltas e tira o homem da influência do pecado, do círculo contínuo de pecado em que vive todo aquele que está desesperado com seu próprio eu. O homem existe quando assume seu eu de fato, e “dando-nos Cristo como medida, Deus mostrou-nos à evidência até onde vai a imensa realidade dum eu”¹²⁹.

5 O CONCEITO DE PECADO EM KIERKEGAARD

Em ambas as obras aqui analisadas, Kierkegaard define sua visão de pecado, ao mesmo tempo em que busca respostas para as grandes questões às quais se destina cada um dos livros: o que é o desespero e o que é a angústia. O filósofo trabalha nesses livros a construção da subjetividade humana, do eu, na busca pela existência autêntica, e nisso, não deixa de ter em mente a condição humana de ser pecador, evidenciada na Revelação.

Esses dois livros de Kierkegaard tratam de aspectos diferentes do

¹²⁶ KIERKEGAARD, 2004, p. 77.

¹²⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 119.

¹²⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 78. Kierkegaard cita essa mesma fórmula mais de uma vez. Cf. KIERKEGAARD, 2004, p. 49, 119.

¹²⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 105.

pecado, que se completam e possibilitam uma compreensão geral do que representa o pecado para o filósofo dinamarquês. *O Conceito de Angústia* foca no pecado hereditário, em explicar de que maneira o pecado está presente no mundo e em cada indivíduo, sem, contudo, definir pecado. *O Desespero Humano*, por sua vez, tendo a realidade do pecado como pressuposto, avança na busca de compreender o que é o pecado, caracterizá-lo. Nessa direção, Gouvêa, falando de *O Desespero Humano*, diz que “esse livro é frequentemente descrito como uma sequência a *O Conceito de Angústia*. Assim como a angústia, o desespero é descrito como uma possível passagem para a recuperação espiritual e a fé”¹³⁰. Quanto à abordagem, linguagem e temas tratados, as duas obras também se mostram diferentes. Percebe-se em *O Desespero Humano* uma marca mais forte do cristianismo, enquanto que nas páginas de *O Conceito de Angústia* o cristianismo aparece, porém de maneira bem mais limitada.

É interessante que, em suas obras, Kierkegaard faz uso de pseudônimos. A respeito deles, Gouvêa diz que “são e não são Kierkegaard ao mesmo tempo”¹³¹, pois cada pseudônimo possui personalidade e ponto de vista próprios, diferem entre si, sem, contudo, serem essencialmente diferentes de Kierkegaard. O filósofo os usa para expressar-se de diferentes maneiras. Essa nítida diferença de tônica entre os dois livros, já mencionada, se deve ao fato de Kierkegaard os redigir através de duas personagens diferentes. Vigilius Haufniensis, a quem é atribuído *O Conceito de Angústia*, é definido por Gouvêa como um professor de dogmática, que olha para o cristianismo de maneira mais objetiva, com pouca interioridade. Já sobre Anti-Climacus, pseudônimo-autor de *O Desespero Humano*, Gouvêa diz que, como o personagem mais tardio, foi criado para representar o cristianismo – ele é um cristão dedicado de altíssimo nível¹³². Podemos ver, contudo, uma mesma linha de raciocínio perpassando as duas obras: tanto a angústia como o desespero são experiências existenciais que atingem todo o ser humano, que levam ao pecado e trazem o pecado como consequência (e o pecado assim também se torna uma condição humana), mas também são formadores de subjetividade, que no fim conduzem à fé.

¹³⁰ GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo**: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e de sua concepção de fé cristã. São Paulo, SP: Novo Século, 2000, p. 251.

¹³¹ GOUVÊA, 2000, p. 202.

¹³² GOUVÊA, 2000, p. 202-203, 266, 268.

5.1 O pecado como condição da existência humana

Kierkegaard quer, como deixam claro as duas leituras estudadas, demonstrar o pecado como algo além de certas ações isoladas, faltas pontuais. O retrato que o autor pinta do pecado é que ele é um desses estados nos quais se move a vida humana¹³³, destes no qual se entra através de um salto, nesse caso, o salto qualitativo, a queda, e sai através de outro salto, aqui, a fé. Os pecados individuais são, dessa forma, apenas expressões, manifestações do estado em que vive o homem afastado de Deus, o homem que não assume e não vive a espiritualidade. Sendo então o pecado algo característico do ser humano, Kierkegaard destaca a universalidade do pecado, e o faz justamente através da angústia e do desespero, porque são experiências de todo indivíduo. Desse modo, todos são pecadores, mesmo aqueles que não têm consciência de serem, pois carregam angústia e desespero com eles, mesmo que em estado latente.

O filósofo, nas duas obras, afirma a natureza cumulativa do pecado: ele é uma progressão que aumenta por se permanecer nele. Essa progressão é vista tanto considerando o indivíduo isoladamente quanto considerando todo o gênero humano – até porque para Kierkegaard o indivíduo é ele mesmo e o gênero humano¹³⁴. *O Desespero Humano* retrata a continuidade no indivíduo, que peca por estar no pecado, depois peca por se desesperar do pecado, o que o afunda ainda mais nessa condição, e peca também desesperando da remissão dos pecados. *O Conceito de Angústia* enxerga a progressão através do efeito de gerações, que é um “algo mais”¹³⁵ em cada indivíduo posterior a Adão, e também destaca esse crescimento na história da humanidade, pois pelo salto qualitativo, o pecado volta cada vez a entrar no mundo. Ainda que o pecado se refira a todo o gênero humano, o peso, conforme nosso autor, recai sobre o indivíduo.

5.1.1 A individualidade do pecado

Kierkegaard faz questão de frisar a centralidade do dogma do pecado dentro do cristianismo, e quanto à individualidade, fala que “o conceito de pecado e culpa constitui o indivíduo como o indivíduo”¹³⁶. Já foi mencionado que o

¹³³ KIERKEGAARD, 2013, p. 118.

¹³⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 31.

¹³⁵ Cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 77.

¹³⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 103.

pensador se opunha aos sistemas filosóficos universalistas por eles enxergarem apenas a massa, e não cada indivíduo que a compõe, pois para ele, o pecado só faz sentido quando se fala do indivíduo isolado. Isso se dá por Kierkegaard relacionar firmemente o pecado com angústia e desespero, experiências unicamente subjetivas. O filósofo então deixa o indivíduo sozinho diante de Deus, e é no estar frente a Deus que a existência humana constitui pecado. Esse acento individual também é dado quando o autor afirma que a culpa por o pecado entrar no mundo é de cada indivíduo, cada um coloca o pecado pelo próprio salto qualitativo, se torna pecador por si mesmo, e assim não pode culpar Adão, somente. A ênfase de Kierkegaard na individualidade é para destacar que cada ser humano é individualmente culpado e individualmente pecador. Nesse aspecto, o autor resgata a responsabilidade do indivíduo quanto ao pecado. A solução por ele proposta para o pecado hereditário deve ser vista como uma explicação que não permita que o indivíduo tente se livrar da culpa pelo pecado, e não como um argumento que afirme que o ser humano não é pecador por natureza. A respeito disso, Roos escreveu que:

Um dos principais objetivos de Kierkegaard ao publicar *O Conceito de Angústia*, sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, é o de provocar seu leitor a refletir sobre sua responsabilidade individual com relação ao problema ético-teológico do pecado original. [...] O que está em jogo aqui não é apenas a pergunta sobre como o pecado veio a atingir o gênero humano, mas como o indivíduo particular veio a participar neste pecado.¹³⁷

Kierkegaard muitas vezes apresenta o pecado de maneira por demais subjetiva, o que pode levar à interpretação de que o pecado não é uma realidade de fato e da maneira que a Bíblia nos leva a crer, mas que ele seria apenas um defeito, uma falta interior do homem que não se assume como eu, não se torna sujeito da própria vida. Roos fala que “o desespero é inicialmente caracterizado por Anti-Climacus como um desequilíbrio na síntese, nas polaridades que constituem o ser humano”¹³⁸. Porém o pecado não se configura somente pelo desequilíbrio, mas por ser esse desequilíbrio a falta do espiritual – desse modo, constitui pecado a existência que não se põe diante de Deus.

Kierkegaard refere-se aos conceitos cristãos, mas apenas os toma como

¹³⁷ ROOS, Jonas. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero. In: IV JORNADAS KIERKEGAARD, 2008, Buenos Aires. In: **La Mirada Kierkegardiana nº1**, p. 71.

¹³⁸ ROOS, 2008, p. 70.

ponto de partida para uma reflexão não-teológica, os cita sem explicar em detalhes, mas isso não pode levar o leitor a afirmar que o filósofo não os tinha em mente e que não tenha encarado o pecado conforme a definição bíblica. Kierkegaard menciona que os pecados isolados também constituem pecado, mas estes não são o objeto de reflexão do autor, que procura uma ideia que englobe inclusive as falhas isoladas, porém nesse caminho por vezes sai da ideia cristã de pecado. Ainda assim, Kierkegaard não fecha o pecado exclusivamente no indivíduo, como algo que não tenha realidade externa ao eu.

5.1.2 O pecado como pressuposto necessário da história humana

Em *O Conceito de Angústia* Kierkegaard argumenta que só a partir do pecado foi posta a diferença entre homem e mulher, a sexualidade, e, obviamente, sem sexualidade não há história do gênero humano¹³⁹. Embora o autor afirme que o pecado do primeiro homem não foi necessário, ele também nos leva a concluir que a humanidade não existiria sem o pecado, então, ele se torna, de certa forma, necessário. De outro ponto de vista, pode-se interpretar que a história da humanidade se constrói sob o pecado, e não poderia acontecer de outra forma. Sem pecado não existe humanidade, então os dois estão entrelaçados em uma relação de dependência.

5.2 A relação entre angústia e desespero

Kierkegaard fala que “a superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar”¹⁴⁰, e que “se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se”¹⁴¹. Portanto, o desespero e a angústia são características exclusivamente humanas, que dizem respeito à humanidade, mas se manifestam concretamente em cada homem como indivíduo¹⁴². Elas constituem experiências formadoras da subjetividade humana¹⁴³ que atacam todo indivíduo.

¹³⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 52.

¹⁴⁰ KIERKEGAARD, 2004, p. 21.

¹⁴¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 161

¹⁴² Aqui se parte da ideia de que o indivíduo é ele mesmo e o gênero humano. Cf. KIERKEGAARD, 2013, p. 30, 31, 50, 104.

¹⁴³ Olivieri faz um estudo detalhado sobre o papel da angústia kierkegaardiana na construção da subjetividade do indivíduo, também relacionando à angústia o desespero kierkegaardiano. Cf. OLIVIERI, Maria de Fatima. **Angústia existencial**: o papel

Em Kierkegaard elas estão profundamente ligadas com o caminho para tornar-se sujeito existente, protagonista da vida. Isso porque o desespero é causado pela consciência de ter um eu, e a angústia existe pela presença do espírito humano. Devido a isso, o indivíduo, por ser a síntese entre somático e anímico, entre temporal e eterno, sustentado pelo espírito, pelo eu existente, vai passar pela angústia e pelo desespero. Mas é justamente através destes que ele será capaz de conhecer seu eu e assumi-lo, pois na medida em que cresce o desespero e a angústia, cresce a consciência do eu, e, ao mesmo tempo, mais se sente a intensidade dessas experiências da vida. O contrário também é válido, “quanto menos espírito, menos angústia”¹⁴⁴, e também menos desespero. Porém aquele que ignora a angústia e o desespero os carrega em estado latente – é desesperado e angustiado, apenas não tem consciência da sua condição.

O pecado constitui o ponto de contato entre a angústia e o desespero. A angústia presente no homem é o que o leva a pecar, da mesma forma que o desespero, diante de Deus, é o pecado. Uma vez posto o pecado, ele causa mais angústia, e mais desespero no indivíduo que agora se sabe pecador. Ou seja, angústia e desespero, em Kierkegaard, são pressupostos para o pecado, mas também são consequências do pecado. Desse modo, o homem afastado de Deus, que não assumiu seu eu autêntico em relação a Ele, vive em pecado, padecendo de angústia e desespero na vida. Porém o autor demonstra também a dialética de que o desespero e a angústia, ao mesmo tempo em que são doença, são a cura. Há uma maneira certa de angustiar, um desespero correto, e eles conduzem à fé, que é uma radicalidade, um salto ao absurdo, a um novo estágio. O ser humano se desespera pela carência do possível¹⁴⁵, mas também se angustia frente à infinitude da possibilidade¹⁴⁶. A cura para esse mal é justamente a fé, o relacionamento com o Deus para quem “tudo é possível”¹⁴⁷.

fundamental do conceito de angústia no processo de construção da subjetividade humana sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.; OLIVIÉRI, Maria de Fatima. Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. In: **Controvérsia**. v.3, n.2, jul.- dez./2007, p. 32-41.

¹⁴⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 46.

¹⁴⁵ KIERKEGAARD, 2004, p. 40.

¹⁴⁶ KIERKEGAARD, 2013, p. 162.

¹⁴⁷ KIERKEGAARD, 2004, p. 40.

5.3 A fé

O raciocínio trilhado por Kierkegaard, nas duas obras aqui estudadas, culmina na fé como salvação, como a única saída para as mazelas da subjetividade humana, as quais foram tratadas desde as primeiras páginas. Gouvêa entende que em Kierkegaard “fé não significa apenas confiar em Deus mas a vontade do eu de ser ele mesmo perante Deus”¹⁴⁸. A fé é o estado em que o desespero se torna ausente¹⁴⁹ e a angústia, porém, permanece¹⁵⁰, contudo agora ela não é mais algo terrível; ela, combinada com a fé¹⁵¹, é edificante, didática, prepara o indivíduo para encarar a realidade. Na fé, no existir frente a Deus, o homem está liberto da influência, das consequências que o pecado exerce sobre a vida humana.

Kierkegaard cumpre a importante tarefa de relembrar que “toda vida humana tem uma disposição religiosa”¹⁵², que todo homem possui a dimensão espiritual, mesmo que não se dê conta dela, e sob a visão do autor, infelizmente a maioria dos homens não vive de maneira a obter algum ganho espiritual, não assume essa realidade necessária para um eu completo. Todavia, o filósofo trata a fé de maneira exageradamente interiorizada e individualizada, e por vezes apenas como uma atitude ou posicionamento humano frente à vida. Nisso Kierkegaard perde a perspectiva de comunidade cristã, pois o homem se vê sozinho frente a Deus. A fé kierkegaardiana vista nessas duas obras estudadas pode até representar o relacionamento de intimidade com Deus, mas ela é fechada em si, não adquire exterioridade, não se expressa nos relacionamentos, até porque essa questão é omitida, já que o foco do filósofo dinamarquês é a subjetividade. Esse ponto, na verdade, é um reflexo da própria vida pessoal de Kierkegaard, que levava uma vida reclusa e solitária. Contudo, a contribuição de Kierkegaard se dá pelo fato de que, conforme Ramm, “ele rompeu claramente com a compreensão de que a fé é o consentimento ou aceitação de certas doutrinas ou um acordo racional do entendimento”¹⁵³(tradução nossa), e colocou a fé como algo além dessa adesão por

¹⁴⁸ GOUVÊA, 2000, p. 252.

¹⁴⁹ KIERKEGAARD, 2004, p. 119.

¹⁵⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 123.

¹⁵¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 161, 168.

¹⁵² KIERKEGAARD, 2013, p. 110.

¹⁵³ RAMM, Bernard. **Diccionario de Teologia Contemporanea**. Versión castellana por Roger Valle. 4. ed. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1990, p. 59. “El

um credo, com uma decisão e um compromisso que envolve a existência pessoal como um todo.

5.4 Entre a filosofia e a teologia

Não adentraremos aqui em uma discussão na tentativa de situar Kierkegaard em um ou outro campo. Os dois lados pesam na vida e na obra de Kierkegaard. Devemos saber que ele concluiu seus estudos como teólogo, que era um apaixonado por filosofia e que seu legado deu base para filósofos existencialistas, mas também para teólogos. Bender observa que “no século XIX a religião e especificamente o cristianismo ocupam um lugar de destaque nos escritos filosóficos”¹⁵⁴, por isso não devemos tratar Kierkegaard como o único caso dessa espécie.

A respeito de *O Conceito de Angústia*, no posfácio deste mesmo livro, Valls afirma que ele “é livro de Filosofia, não primeiramente de Teologia”¹⁵⁵, que ele não pretende ser um tratado de Dogmática. Aqui se concorda com Valls, e ainda se complementa que é o caso das duas obras vistas nesta presente pesquisa. O que Kierkegaard faz não é querer explicar a dogmática, mas tomar os dogmas cristãos como ponto de partida para entender o homem. É, portanto, uma filosofia que parte da teologia sem ser teologia. Ele fala algo sobre cristologia, contudo sem se aprofundar nesse assunto, também menciona a remissão de pecados, porém sem adentrar na obra de Cristo – esse não é seu objeto de reflexão. A pergunta que move o pensamento de Kierkegaard não é pelo pecado, mas pela existência humana, e por esse motivo nosso filósofo não se detém no conteúdo próprio da Teologia. Nessa linha, Balthasar afirma que Kierkegaard, em *O Conceito de Angústia*, não faz teologia, faz análises psicológicas, mas ainda diz que apesar de Cristo e Deus quase não serem nomeados na obra, ela é “de inspiração indubitavelmente cristã”¹⁵⁶. Isso certamente pode ser estendido a *O Desespero Humano*, embora ela

rompió claramente con la comprensión de que la fe es el asentimiento o la aceptación de ciertas doctrinas o el acuerdo racional del entendimiento”.

¹⁵⁴ BENDER, 1999, p. 21.

¹⁵⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 175.

¹⁵⁶ BALTHASAR, Hans. **O cristão e a angústia**. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 11.

Nessa obra, o teólogo católico Hans Balthasar produz uma interpretação cristã e bíblica do conceito kierkegaardiano de angústia. Enquanto Kierkegaard parte dos dogmas

já mencione mais frequentemente assuntos do cristianismo.

Retomando novamente o posfácio de Valls a *O Conceito de Angústia*, lemos sua afirmação de que “este livro leva leitores desavisados à impressão de que estaria a tratar da realidade do pecado, conceito teológico, revelado. Mas nunca afirma sua realidade, só analisa sua possibilidade ideal, conceitual”¹⁵⁷. Aqui se discorda de Valls, sabendo que a filosofia kierkegaardiana procura se ocupar com o existente concreto, e não fazer abstrações da existência; preocupa-se em tratar de realidades, não de ideias conceituais, pois um conceito que na verdade não existe não poderia marcar a existência humana. Ainda nessa linha, como o cristão devoto que foi, Kierkegaard não teria por que duvidar da realidade do pecado.

Também usamos essa citação para ilustrar que o tema “pecado” em Kierkegaard é negligenciado, principalmente fora do meio teológico. Alguns autores tratam dos livros *O Desespero Humano* e *O Conceito de Angústia* sem aprofundar ou sequer mencionar o pecado, apesar desse assunto ocupar grande parte das páginas dessas duas obras. Retirando a Teologia, ainda há uma grande contribuição de Kierkegaard, principalmente no sentido da interioridade e a liberdade humana, ideias fundamentais para os existencialistas posteriores. Porém deixar de tratar da dimensão espiritual humana, que Kierkegaard retomou com tanta ênfase, é perder a essência do seu pensamento. Concluindo, vemos em Kierkegaard um importante ponto de contato entre Teologia e Filosofia, que abrange as duas áreas, retoma temas centrais nas duas, e estabelece espaço de diálogo em que as duas ciências podem expor suas contribuições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kierkegaard não pode ser tomado como norma para a fé cristã nem como dogma para a Teologia, pois sua discussão não se limita a esse âmbito. Contudo, ele deve ser explorado, pois tem muito a contribuir dentro da Teologia pelos temas que retoma e a maneira que os encara, por colocar diante da Teologia o indivíduo concreto e não idealizado, com sua interioridade, suas mazelas, anseios

cristãos na sua análise, Balthasar toma o conceito produzido por Kierkegaard e volta para o cristianismo, tentando melhor compreender a angústia humana a partir de uma análise bíblica sobre o assunto.

¹⁵⁷ KIERKEGAARD, 2013, p. 172.

e experiências subjetivas. Kierkegaard se torna interessante também sob o ponto de vista da Filosofia por colocar diante dela o pecado e a espiritualidade humana, noções que esta na grande maioria das vezes ignora.

A contribuição de destaque de Kierkegaard para o tema pecado é que ele enfatiza não apenas a presença inevitável dessa realidade no homem, mas a responsabilidade de cada indivíduo em relação ao pecado – todo ser humano peca, e a culpa cabe inteiramente a cada um, de modo individual, não podendo ser atribuída a mais ninguém. Isso porque, como o pensador dinamarquês nos demonstra, não é Adão o responsável pela presença do pecado no mundo, mas cada indivíduo, porque é através de cada um que o pecado constantemente volta a entrar no mundo, e cada pessoa é afetada pela doença mortal, o desespero, como pecado, sozinho frente a Deus. Kierkegaard segue um caminho indutivo: o gênero humano é pecador porque cada indivíduo que o compõe é pecador. Ao mesmo tempo, ele mostra que o pecado como estado de existência influencia a interioridade humana, trazendo, como consequência, a angústia e a miséria que é o desespero.

Outro aspecto em Kierkegaard que convém frisar é que ele desenvolve seu pensamento na consciência da natureza espiritual que o homem possui. A dimensão espiritual é própria do homem, e se ele se angustia ou se desespera isso é algo positivo, pois expressa a presença desse eu que é a síntese entre corpo e alma, temporal e eterno. O ser humano só é completo, só tem vida plena quando assume sua espiritualidade, e essa só se assume no relacionamento com Deus. Desse modo, cada um está preparado para encarar a possibilidade, enfrentar a vida vivendo o instante, que é o espaço em que se vive a realidade presente ligado na eternidade. Essa é a grande aventura da existência, sintetizada nas palavras do nosso filósofo: “Ousamos ser nós próprios, ousa-se ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, sozinho frente a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão, e confesse-se a sua principal raridade”¹⁵⁸.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Diogenes; SPRINGSTED, Eric. **Filosofia para entender teologia**. 3. ed. Santo André: Academia Cristã, 2010.

¹⁵⁸ KIERKEGAARD, 2004, p. 13.

- BALTHASAR, Hans. **O cristão e a angústia**. São Paulo: Novo Século, 2000.
- BENDER, Germanio. **A angústia como condição da existência humana**: um estudo da obra “*O conceito de angústia*” de Sören Kierkegaard. Ijuí: Unijui, 1999.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- GONZALEZ, Justo L. **A era dos novos horizontes**: Uma história ilustrada do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1988. v. 9.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo**: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e de sua concepção de fé cristã. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.
- KIERKEGAARD, Sören. **Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; O Desespero Humano (Doença até a Morte)**. São Paulo: Abril, 1979. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/31-Kierkegaard-Cole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1979.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- KIERKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Brangança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2013.
- KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- OLIVIÉRI, Maria de Fatima. Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. In: **Controvérsia**. v.3, n.2, jul.- dez./2007, p. 32-41. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwik_OCZ28_JAhXFG5AKHY-fDcYQFggjMAE&url=http%3A%2F%2Frevistas.unisinos.br%2Findex.php%2Fcontroversia%2Farticle%2Fdownload%2F7043%2F3906&usg=AFQjCNHKah_0_IKkayD_XdLZfVnwsS63Skw&bvm=bv.109395566,d.Y2I>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- OLIVIÉRI, Maria de Fatima. **Angústia existencial**: o papel fundamental do *conceito de angústia* no processo de construção da subjetividade humana sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2033/angustia%20existencial.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 dez. 2015.
- RAMM, Bernard. **Diccionario de Teologia Contemporanea**. Versión castellana por Roger Valle. 4. ed. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1990.
- ROOS, Jonas. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero. In: IV JORNADAS KIERKEGAARD, 2008, Buenos Aires. In: **La Mirada Kierkegaardiana n°1**. p. 68-78. Disponível em: <<http://lamiradakierkegardiana.hiin-enkelte.info/downloads/jonasroos.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2015.